

GAZETA DA  
PARAHYBA

04 DE MARÇO  
DE 1890

# GAZETA DA PARAHYBA

## FOLHA DIARIA

### REDAÇÃO E TYPOGRAPHIA

RUA DA MISERICORDIA N. 9 A.

ANNO III

Aviso do dia.....	60 rs.
Do dia anterior.....	100 rs.

A GAZETA DA PARAHYBA é a folha de maior circulação no Estado da Paraíba.

### ACTOS DO GOVERNO

EXTRACTO DO EXPEDIENTE

Dia 28 de Fevereiro

#### Portarias:

Nomeando para constituir conselhos de intendências municipais autorizado pelo decreto do governo central da República n.º 107 de 31 de Dezembro do anno passado, os seguintes cidadãos: do Teixeira, Juazeiro, Arcoverde, Lopes, como presidente, Manuel Ribeirão da Costa e

Gedão Nunes da Costa; de Sooza, major José Gonçalves da Silva, com presidente, José Gonçalves da Silva e Felinto José Faraldo, e para substitutos capitão Apolinário Gomes da Silva, Pedro Batista e Junes Gómez, e Júlio Alves de Figueiredo e de S. João do Rio Peixe, Damião da Cunha, Damas Robson, como presidente, Antônio Henriquez de Andrade Bezerra e João de Jesus Dantas, e para substitutos Júlio Alves da Costa, Francisco Pedro de Andrade e Raymundo Olimpio Nogueira Pinheiro.

Idem exoneram-lo, sob proposta do Dr. director da in-trucção publica, D. Maria Amélia das Possoas Pugentel, de lugar de professora interina da cadeira do ensino primário da povoação de S. Anna do Congo, e nomeando para o referir o lugar, D. Maria Ayres de Souza Magalhães.

Idem exonerando o cidadão Manoel Nascimento Maribeira, do lugar de professor interno da villa de Picuhy; nomeando para substituto o cidadão Manoel Tavares de Melo Cavalcante e para igual cargo da povoação de Jericó, da comarca de S. João, o cidadão Clarindo da Costa Romé.

Idem nomeando o cidadão Basílio Pereira Lima Wanderley Filho, para exercer interinamente o officio de escrivão do jury do termo desta capital.

Offícios:

— Ao cidadão Dr. chefe de polícia, recomendando que provisoriamente no sentido de, pelo delegado do termo de Pombal, ser aberto inquerito policial sobre o factitudo de fuga de 34 presos da cadeia daquela terminação de servir de base a qualquer procedimento ulterior com referência aos culpados na referida fuga.

— Ao mesmo, recomendando, em aditamento ao officio deste governo, n.º 96, de 21 do corrente mês, que provisoriamente sejam entregues às autoridades policiais dos diversos municípios, as ferramentas que foram distribuídas pelas comissões de socorros públicos, que não estejam em efectivo serviço, para que, por sua vez, aquellas autoridades façam d'ellas outras as respectivas intendências.

— Ao cidadão inspector da tesouraria da fazenda, remetendo-lhe diversos documentos, e præs a comunhão um bento da comissão de exame de contas relativos à quantia de 2500\$000 Réis, recebida pelo cidadão Antônio Dantas, com destino à trabalhos públicos na villa de Picuhy, assim que sejam feitas, com urgência, as escravas contas aquelle cidadão, para que se verifique que a referida quantia não foi aplicada em obra alguma de utilidade pública.

— Ao cidadão inspector do Tesouro, declarando que não tendo sido aprovadas por este governo, as

propostas apresentadas pelos cidadãos Antônio Augusto de Almeida Nobre, Leônio Rodrigues da Costa e Cassimiro Corrêa das Neves, para o fornecimento de 260 calças e igual número de camisas de algodão azul trancado para vestuários dos presos pobres da cadeia desta capital e 12 talhas de madeira para depósito d'água nas respectivas prisões, providencio no sentido de ser anunciatada novamente concordância para fornecimento dos mencionados objectos.

— Ao cidadão superintendente geral de socorros públicos, recommendando que faça remeter para as estações do Pilar e Munguá sessenta sacos e farinha para a primeira e cincuenta ditos para a segunda e para a povoação de Gurinhém cincuenta sacos com farinha, trinta com sementes de milho, vinte com sementes de feijão e dez com sementes de arroz, a fim de serem distribuídos pelos indigentes daquelas localidades.

#### DESPACHOS

— Ofício da comissão de socorros públicos da villa de S. João — Pagense.

— Sebastião Apollonio de Siqueira-Sim, em termos.

— João Baptista da Silva Neves — A vista da informação nada há que deferir.

— Ofício do presidente da comissão de socorros públicos de Itabana — A comissão de exame de contas.

— Rogaciano Ernesto N. Cavalcante e Francisco Bezerra dos Santos — Informe o Tesouro.

— Manoel Laurentino Pereira de Lira — Exhiba os documentos exigidos pela comissão de exame de contas.

Paulino da Cunha Santo Mário — Prove melhor o precisamente o direito que allega.

— Manoel Pereira Borges e João Cavalcante Lins de Albuquerque — Volte a comissão de exame de contas.

— Pôde gabar-se o Dr. João Americo do Carvalho de ser o homem mais honrado desta terra, pois, tendo o Dr. Lacorda declarado que tinha resolvido de si para si só entregar os dous contos de réis da fazenda publica e que inlevadamente conservava em seu poder, quando aparecesse um governador honesto, não foi governador, não foi comissão de contas, não foi nada que faz os dous contos tomarem o seu verdadeiro caminho, mas o Dr. João Americo, simplesmente o Dr. João Americo.

E se não vejamos:

Chegou o Dr. Venâncio, tomou conta do governo do Estado, e o Dr. Lacorda moita!

— Foi nomeada a comissão de contas, trabalha durante um mês, e o Dr. Lacorda não tuge nem muget!

E, porém, nomeado o Dr. João Americo para aquella comissão, em substituição no Dr. Alipio M. M. Ferreira, e logo o Dr. Lacorda soube por onde ia-se a tesouraria da fazenda.

— Bem senhor, Sr. Dr. João Americo, pôde gabar-se de ter lavrado um tanto, mas que tanto...

### PARAHYBA DO NORTE

TERÇA-FEIRA 4 DE MARÇO DE 1890

### ASSIGNATURAS

CAPITAL — Por tres meses.....	350'00
Interior e Estados — Ano.....	14500'00
Sem... 85000 — Trim.....	4500'00

N.º 528

igual ou menor para intaca de opinião, mentira ou a público e suspeitação.

Quem, quando o Dr. Cordeiro, num tal personagem, nenhos se os próprios devedores, enossos, tendo a grandezza d'alma e a virtude rara de nunca haver chamado nenhum d'elles a justiça?

Quem tem em toda esta cidade e fora d'ella o conceito invejável de que não tem sempre exigente; que não é favorável o conceito de que goza e muita causa mais do mesmo juez, consultando os factos, não posso difficil responder no «Jornal», e o proprio Sr. do Abíahy intimamente compreenderá que a verdade é a seguinte:

Quem, como o Dr. Cordeiro Sénior, desde a sua vida académica até hoje, não tem um só facto que desdoure o seu carácter e a sua honra;

Quem, como ele, tem consumido os melhores dias de sua vida no estudo e no trabalho, revelando em todas as posições que tem ocupado na sociedade o maior desinteresse e abnegação;

Quem, durante 32 anos de vida publica, nunca pediu empregos nem encomendou o governo de qualquer política, contentando-se em ser médico da Santa Casa, com 10 à 50000 Réis mensais, e depois cirurgião-mór da província, até hoje, sem nunca perceber dos cofres provinciais mais de 100\$000 Réis, por tales empregos;

Quem exerceu tantos cargos honoráveis e alguns dos quais exerceu ainda, sem remuneração alguma pecuniária e que só lhe acarretaram trabalhos e sacrifícios;

Quem anda de fronte erguida e a consciencia tranquilla, dispondo favores a ingratos, curando por caridade aos pobres e por livre vontade, gratuitamente, a muitos que lhe podem pagar;

Quem no exercício desses cargos honoráveis, de que falamos, nunca reclamou retribuição em um tempo em que muitos pedem, alguns so humilham e outros reclamam pagamento d'aquillo à que não têm direito;

Quem tem sido, em maior numero de annos, auxiliar da polícia, prestando-se em toda a sua vida a fazer exames medicos para os quais tem sido convidado, assim como inspecções militares e exclusivamente as do corpo policial, tudo gratuitamente;

Quem nunca aceitou comissão alguma do governo que entendesse com a distribuição de socorros públicos, desde a seca passada até a presente, apesar de ser convidado para fazer parte d'ellas como auditor nos annos de 1876 a 1879, pelos administradores do então;

Quem tem assim procedido, não para esquivar-se a esse encargo honoroso, mas sim por excessivo zelo de sua reputação e um tanto

Faleceu em Roma na avançada idade de 82 annos o cardeal Pecchi, irmão do papa Leão XIII.

Vamos, barão, você não contou direito aquella história do dinheiro roubado, segundo diz você, ao ilustre cidadão E. M. S. R., pois as contas tomadas pelo chefe da polícia Casques Telles só aproveitaram a você, afim de acobertá-lo a falsa nobreza e não comprometer os seus companheiros da tavola grande.

Vamos, levie a carga abaixo, e conte aquella outra história, identica a esta, e passada há pouco tempo na rua da Alagoa, em casa da uma actriz, que tendo de embarcar no dia seguinte, apoi a noite de origia, mandou buscar em sua casa o que você lhe deveria a dever no jogo.

Desta vez, porém, não foi preciso a intervenção da polícia; apenas os vizinhos da casa onde se passaram os encontres seculares daquella noite, ficaram scandalizados ao ver um barato... regando a rua iluminada pelos primeiros clarões da aurora, com as semi-cerimónias dos casais!

Para que revive você essas escabrosidades de sua vida?

Deixe ao Lacerda a triste coragem de confessar publicamente as suas prevaricações e turpezas, como fez no «Jornal» do dia corrente.

### Fábrica de tecidos

Consta que um membro da firma Julio & Irmão, representante da fábrica de tecido e tecidos de Natal, apresentou-se a concorrência para identica empreza nesta capital, caso seja resenhado o contrato existente com a firma Cahn Frères & C. como geralmente accedita-se que o fará o cidadão governador a favor do progresso industrial deste Estado.

Que se realize já é todo o nosso empenho.

Vai o «philosophia», já que restou alguma causa d'ela que falta o resto e não se comissionou e sauremos de clamar já que conhecemos a restituição uma parte d'aquele grossa *moquia* da prima *oração tributária*, lembrante também d'aqueles seis *reais* e *trinta mil réis*; não te recordas?

Pois iremos diariamente te avisando a memoria e entrando em detalhes explicativos desta tua nova gentileza, que o publico ainda ignora e que está um pouco esquecido. Vamos, tu espões uma outra comissão para a restituição do cargo dos membros d'aquele malogrado *club*; anda, entra e o dinheiro dos agricultores, já lá vão 10 longos annos!...

## A Europa em 1889

Felizes os povos, diz o dicionário, felizes os povos que não têm história. Se o dicionário não mente, nunca houve no mundo anno mais ditoso do que este, em que faltou absolutamente para Europa a matéria prima da história. Nem um único desses acontecimentos capitais e decisivos que marcaram na vida dos povos os estadios da sua existência, e que deixam para o futuro largos problemas a rumiar, culcando fundo no mar do tempo, um rego em cujas bordas espalhada a espuma dispersando a memória!

Foi o anno mais insenso, mais incisivo, mais característico de que ha lembrança. Por isso mesmo é mais espinhoso a missão do chronicista e mais difícil de cumprir o seu devoir. Quando a matéria abunda e os casos suggestivos se estropiam, a imaginação embriga-se e a pena ducil corre sobre o papel. Ha ideias, ha frases. Mas quando o assumpto é mundo esta obrigação torna-se dura a cumprir.

Almanhã os países adotaram exercícios somando milhões de homens, as aspasadas e as marchas de guerra atingiram proporções inauditas; e no meio d'esta febre de desfaçanha e no prenúncio espantoso dos expectáculos. Faltava a uva, mas abundava a parda. Este anno, porém, nem parda — a não ser a exposição de Paris, que é todavia um assumpto esgotado, por ser visto e sabido por toda a gente que foi de todos os cantos do mundo tomar parte nessa feira, e nesse brodó internacional.

Além do que, a exposição da Parz não entra propriamente na ordem dos factos políticos, embora recheada por elles. Os factos políticos, ba ilares ou fundamentais que agitam a Europa são dois.

No Oriente, para além da Ásia Menor, a conquejar com a Áustria, e o problema da paróquia é da horurça do império turco, liquidação final da ultima onda de invasões asiáticas sobre a Europa, iniciadas em períodos históricos com as empresas das pessoas contra a velha Grécia. Esse problema implica o do equilíbrio das forças internacionais em toda a Europa, e por isso importa a toda ella, importando mais directamente à Rússia e à Áustria, que entre si disputam a hegemonia dos povos balkânicos, e a Inglaterra que impõe sobre o mundo muçulmano da Índia, e agora do Egito. Cada vez parece mais certo que a primeira grande guerra europeia, produzirá dois episódios que o quida definitiva do império turco há de ainda determinar.

No Oriente, entre as nações mais ou menos democráticas, quer sejam repúblicas como a França, quer

monarquias quasi republicanas como a Itália ou a Inglaterra, a questão essencial não é política.

O problema das formas de governo deixou de preocupar os espíritos desde que se entrou n'aquele período já definido por Aristóteles em que as questões sociais, isto é, a disputa do bem estar e da riqueza predominam entre plebes miseráveis e classes medianas, levadas por um cap talismo tante vez desfechado.

Estas duas faces do problema político europeu, estas faces a que vêm juntar-se subordinadamente as questões mais ou menos transitórias, como a rivalidade da França e da Alemanha, a rivalidade da França e da Itália, o reviver importante da Irlanda; que é um espírito cravado no coração do império britânico; estas duas faces fundamentalmente todos os seus accessórios explicam a physiologia quasi paradoxal do mundo europeu.

Almanhã os países dão repulsa mutua, mudando a situação do mundo composto de Europa das Antárticas, os avendendo uns os gumes dos povos, uns os outros, no meio da guerra e dos conflitos, tirando os melhores e os mais nobres padeiros das aldeias do optimismo, uns faltos e faltos, e os outros esperando as suas doses.

O que permanece no manto brasonado da velha Europa, pelo pequeno ponto dos Balkans e vencido a ver o que farão os desvios d'este os festos da Irlanda em que, dentro da sua penumbra, haverá um canto de mundo como a natureza o fez, com um ruim sítio, numa floresta sombra de troncos de barro a apertar a sova d'água, lugarezas no tronco polo engenhoso.

Além do que, a exposição da Parz não entra propriamente na ordem dos factos políticos, embora recheada por elles. Os factos políticos, ba ilares ou fundamentais que agitam a Europa são dois.

No Oriente, para além da Ásia Menor, a conquejar com a Áustria, e o problema da paróquia é da horurça do império turco, liquidação final da ultima onda de invasões asiáticas sobre a Europa, iniciadas em períodos históricos com as empresas das pessoas contra a velha Grécia. Esse problema implica o do equilíbrio das forças internacionais em toda a Europa, e por isso importa a toda ella, importando mais directamente à Rússia e à Áustria, que entre si disputam a hegemonia dos povos balkânicos, e a Inglaterra que impõe sobre o mundo muçulmano da Índia, e agora do Egito. Cada vez parece mais certo que a primeira grande guerra europeia, produzirá dois episódios que o quida definitiva do império turco há de ainda determinar.

No Oriente, entre as nações mais ou menos democráticas, quer sejam repúblicas como a França, quer

monarquias quasi republicanas como a Itália ou a Inglaterra, a questão essencial não é política.

O problema das formas de governo deixou de preocupar os espíritos desde que se entrou n'aquele período já definido por Aristóteles em que as questões sociais, isto é, a disputa do bem estar e da riqueza predominam entre plebes miseráveis e classes medianas, levadas por um cap talismo tante vez desfechado.

Estas duas faces do problema político europeu, estas faces a que vêm juntar-se subordinadamente as questões mais ou menos transitórias, como a rivalidade da França e da Alemanha, a rivalidade da França e da Itália, o reviver importante da Irlanda; que é um espírito cravado no coração do império britânico; estas duas faces fundamentalmente todos os seus accessórios explicam a physiologia quasi paradoxal do mundo europeu.

Almanhã os países dão repulsa mutua, mudando a situação do mundo composto de Europa das Antárticas, os avendendo uns os gumes dos povos, uns os outros, no meio da guerra e dos conflitos, tirando os melhores e os mais nobres padeiros das aldeias do optimismo, uns faltos e faltos, e os outros esperando as suas doses.

O que permanece no manto brasonado da velha Europa, pelo pequeno ponto dos Balkans e vencido a ver o que farão os desvios d'este os festos da Irlanda em que, dentro da sua penumbra, haverá um canto de mundo como a natureza o fez, com um ruim sítio, numa floresta sombra de troncos de barro a apertar a sova d'água, lugarezas no tronco polo engenhoso.

Além do que, a exposição da Parz não entra propriamente na ordem dos factos políticos, embora recheada por elles. Os factos políticos, ba ilares ou fundamentais que agitam a Europa são dois.

No Oriente, para além da Ásia Menor, a conquejar com a Áustria, e o problema da paróquia é da horurça do império turco, liquidação final da ultima onda de invasões asiáticas sobre a Europa, iniciadas em períodos históricos com as empresas das pessoas contra a velha Grécia. Esse problema implica o do equilíbrio das forças internacionais em toda a Europa, e por isso importa a toda ella, importando mais directamente à Rússia e à Áustria, que entre si disputam a hegemonia dos povos balkânicos, e a Inglaterra que impõe sobre o mundo muçulmano da Índia, e agora do Egito. Cada vez parece mais certo que a primeira grande guerra europeia, produzirá dois episódios que o quida definitiva do império turco há de ainda determinar.

No Oriente, entre as nações mais ou menos democráticas, quer sejam repúblicas como a França, quer

monarquias quasi republicanas como a Itália ou a Inglaterra, a questão essencial não é política.

O problema das formas de governo deixou de preocupar os espíritos desde que se entrou n'aquele período já definido por Aristóteles em que as questões sociais, isto é, a disputa do bem estar e da riqueza predominam entre plebes miseráveis e classes medianas, levadas por um cap talismo tante vez desfechado.

Estas duas faces do problema político europeu, estas faces a que vêm juntar-se subordinadamente as questões mais ou menos transitórias, como a rivalidade da França e da Alemanha, a rivalidade da França e da Itália, o reviver importante da Irlanda; que é um espírito cravado no coração do império britânico; estas duas faces fundamentalmente todos os seus accessórios explicam a physiologia quasi paradoxal do mundo europeu.

Almanhã os países dão repulsa mutua, mudando a situação do mundo composto de Europa das Antárticas, os avendendo uns os gumes dos povos, uns os outros, no meio da guerra e dos conflitos, tirando os melhores e os mais nobres padeiros das aldeias do optimismo, uns faltos e faltos, e os outros esperando as suas doses.

O que permanece no manto brasonado da velha Europa, pelo pequeno ponto dos Balkans e vencido a ver o que farão os desvios d'este os festos da Irlanda em que, dentro da sua penumbra, haverá um canto de mundo como a natureza o fez, com um ruim sítio, numa floresta sombra de troncos de barro a apertar a sova d'água, lugarezas no tronco polo engenhoso.

Além do que, a exposição da Parz não entra propriamente na ordem dos factos políticos, embora recheada por elles. Os factos políticos, ba ilares ou fundamentais que agitam a Europa são dois.

No Oriente, para além da Ásia Menor, a conquejar com a Áustria, e o problema da paróquia é da horurça do império turco, liquidação final da ultima onda de invasões asiáticas sobre a Europa, iniciadas em períodos históricos com as empresas das pessoas contra a velha Grécia. Esse problema implica o do equilíbrio das forças internacionais em toda a Europa, e por isso importa a toda ella, importando mais directamente à Rússia e à Áustria, que entre si disputam a hegemonia dos povos balkânicos, e a Inglaterra que impõe sobre o mundo muçulmano da Índia, e agora do Egito. Cada vez parece mais certo que a primeira grande guerra europeia, produzirá dois episódios que o quida definitiva do império turco há de ainda determinar.

No Oriente, entre as nações mais ou menos democráticas, quer sejam repúblicas como a França, quer

monarquias quasi republicanas como a Itália ou a Inglaterra, a questão essencial não é política.

O problema das formas de governo deixou de preocupar os espíritos desde que se entrou n'aquele período já definido por Aristóteles em que as questões sociais, isto é, a disputa do bem estar e da riqueza predominam entre plebes miseráveis e classes medianas, levadas por um cap talismo tante vez desfechado.

Estas duas faces do problema político europeu, estas faces a que vêm juntar-se subordinadamente as questões mais ou menos transitórias, como a rivalidade da França e da Alemanha, a rivalidade da França e da Itália, o reviver importante da Irlanda; que é um espírito cravado no coração do império britânico; estas duas faces fundamentalmente todos os seus accessórios explicam a physiologia quasi paradoxal do mundo europeu.

Almanhã os países dão repulsa mutua, mudando a situação do mundo composto de Europa das Antárticas, os avendendo uns os gumes dos povos, uns os outros, no meio da guerra e dos conflitos, tirando os melhores e os mais nobres padeiros das aldeias do optimismo, uns faltos e faltos, e os outros esperando as suas doses.

O que permanece no manto brasonado da velha Europa, pelo pequeno ponto dos Balkans e vencido a ver o que farão os desvios d'este os festos da Irlanda em que, dentro da sua penumbra, haverá um canto de mundo como a natureza o fez, com um ruim sítio, numa floresta sombra de troncos de barro a apertar a sova d'água, lugarezas no tronco polo engenhoso.

Além do que, a exposição da Parz não entra propriamente na ordem dos factos políticos, embora recheada por elles. Os factos políticos, ba ilares ou fundamentais que agitam a Europa são dois.

No Oriente, para além da Ásia Menor, a conquejar com a Áustria, e o problema da paróquia é da horurça do império turco, liquidação final da ultima onda de invasões asiáticas sobre a Europa, iniciadas em períodos históricos com as empresas das pessoas contra a velha Grécia. Esse problema implica o do equilíbrio das forças internacionais em toda a Europa, e por isso importa a toda ella, importando mais directamente à Rússia e à Áustria, que entre si disputam a hegemonia dos povos balkânicos, e a Inglaterra que impõe sobre o mundo muçulmano da Índia, e agora do Egito. Cada vez parece mais certo que a primeira grande guerra europeia, produzirá dois episódios que o quida definitiva do império turco há de ainda determinar.

No Oriente, entre as nações mais ou menos democráticas, quer sejam repúblicas como a França, quer

monarquias quasi republicanas como a Itália ou a Inglaterra, a questão essencial não é política.

O problema das formas de governo deixou de preocupar os espíritos desde que se entrou n'aquele período já definido por Aristóteles em que as questões sociais, isto é, a disputa do bem estar e da riqueza predominam entre plebes miseráveis e classes medianas, levadas por um cap talismo tante vez desfechado.

Estas duas faces do problema político europeu, estas faces a que vêm juntar-se subordinadamente as questões mais ou menos transitórias, como a rivalidade da França e da Alemanha, a rivalidade da França e da Itália, o reviver importante da Irlanda; que é um espírito cravado no coração do império britânico; estas duas faces fundamentalmente todos os seus accessórios explicam a physiologia quasi paradoxal do mundo europeu.

Almanhã os países dão repulsa mutua, mudando a situação do mundo composto de Europa das Antárticas, os avendendo uns os gumes dos povos, uns os outros, no meio da guerra e dos conflitos, tirando os melhores e os mais nobres padeiros das aldeias do optimismo, uns faltos e faltos, e os outros esperando as suas doses.

O que permanece no manto brasonado da velha Europa, pelo pequeno ponto dos Balkans e vencido a ver o que farão os desvios d'este os festos da Irlanda em que, dentro da sua penumbra, haverá um canto de mundo como a natureza o fez, com um ruim sítio, numa floresta sombra de troncos de barro a apertar a sova d'água, lugarezas no tronco polo engenhoso.

Além do que, a exposição da Parz não entra propriamente na ordem dos factos políticos, embora recheada por elles. Os factos políticos, ba ilares ou fundamentais que agitam a Europa são dois.

No Oriente, para além da Ásia Menor, a conquejar com a Áustria, e o problema da paróquia é da horurça do império turco, liquidação final da ultima onda de invasões asiáticas sobre a Europa, iniciadas em períodos históricos com as empresas das pessoas contra a velha Grécia. Esse problema implica o do equilíbrio das forças internacionais em toda a Europa, e por isso importa a toda ella, importando mais directamente à Rússia e à Áustria, que entre si disputam a hegemonia dos povos balkânicos, e a Inglaterra que impõe sobre o mundo muçulmano da Índia, e agora do Egito. Cada vez parece mais certo que a primeira grande guerra europeia, produzirá dois episódios que o quida definitiva do império turco há de ainda determinar.

No Oriente, entre as nações mais ou menos democráticas, quer sejam repúblicas como a França, quer

monarquias quasi republicanas como a Itália ou a Inglaterra, a questão essencial não é política.

O problema das formas de governo deixou de preocupar os espíritos desde que se entrou n'aquele período já definido por Aristóteles em que as questões sociais, isto é, a disputa do bem estar e da riqueza predominam entre plebes miseráveis e classes medianas, levadas por um cap talismo tante vez desfechado.

Estas duas faces do problema político europeu, estas faces a que vêm juntar-se subordinadamente as questões mais ou menos transitórias, como a rivalidade da França e da Alemanha, a rivalidade da França e da Itália, o reviver importante da Irlanda; que é um espírito cravado no coração do império britânico; estas duas faces fundamentalmente todos os seus accessórios explicam a physiologia quasi paradoxal do mundo europeu.

Almanhã os países dão repulsa mutua, mudando a situação do mundo composto de Europa das Antárticas, os avendendo uns os gumes dos povos, uns os outros, no meio da guerra e dos conflitos, tirando os melhores e os mais nobres padeiros das aldeias do optimismo, uns faltos e faltos, e os outros esperando as suas doses.

O que permanece no manto brasonado da velha Europa, pelo pequeno ponto dos Balkans e vencido a ver o que farão os desvios d'este os festos da Irlanda em que, dentro da sua penumbra, haverá um canto de mundo como a natureza o fez, com um ruim sítio, numa floresta sombra de troncos de barro a apertar a sova d'água, lugarezas no tronco polo engenhoso.

Além do que, a exposição da Parz não entra propriamente na ordem dos factos políticos, embora recheada por elles. Os factos políticos, ba ilares ou fundamentais que agitam a Europa são dois.

No Oriente, para além da Ásia Menor, a conquejar com a Áustria, e o problema da paróquia é da horurça do império turco, liquidação final da ultima onda de invasões asiáticas sobre a Europa, iniciadas em períodos históricos com as empresas das pessoas contra a velha Grécia. Esse problema implica o do equilíbrio das forças internacionais em toda a Europa, e por isso importa a toda ella, importando mais directamente à Rússia e à Áustria, que entre si disputam a hegemonia dos povos balkânicos, e a Inglaterra que impõe sobre o mundo muçulmano da Índia, e agora do Egito. Cada vez parece mais certo que a primeira grande guerra europeia, produzirá dois episódios que o quida definitiva do império turco há de ainda determinar.

No Oriente, entre as nações mais ou menos democráticas, quer sejam repúblicas como a França, quer

monarquias quasi republicanas como a Itália ou a Inglaterra, a questão essencial não é política.

O problema das formas de governo deixou de preocupar os espíritos desde que se entrou n'aquele período já definido por Aristóteles em que as questões sociais, isto é, a disputa do bem estar e da riqueza predominam entre plebes miseráveis e classes medianas, levadas por um cap talismo tante vez desfechado.

Estas duas faces do problema político europeu, estas faces a que vêm juntar-se subordinadamente as questões mais ou menos transitórias, como a rivalidade da França e da Alemanha, a rivalidade da França e da Itália, o reviver importante da Irlanda; que é um espírito cravado no coração do império britânico; estas duas faces fundamentalmente todos os seus accessórios explicam a physiologia quasi paradoxal do mundo europeu.

Almanhã os países dão repulsa mutua, mudando a situação do mundo composto de Europa das Antárticas, os avendendo uns os gumes dos povos, uns os outros, no meio da guerra e dos conflitos, tirando os melhores e os mais nobres padeiros das aldeias do optimismo, uns faltos e faltos, e os outros esperando as suas doses.

O que permanece no manto brasonado da velha Europa, pelo pequeno ponto dos Balkans e vencido a ver o que farão os desvios d'este os festos da Irlanda em que, dentro da sua penumbra, haverá um canto de mundo como a natureza o fez, com um ruim sítio, numa floresta sombra de troncos de barro a apertar a sova d'água, lugarezas no tronco polo engenhoso.

Além do que, a exposição da Parz não entra propriamente na ordem dos factos políticos, embora recheada por elles. Os factos políticos, ba ilares ou fundamentais que agitam a Europa são dois.

No Oriente, para além da Ásia Menor, a conquejar com a Áustria, e o problema da paróquia é da horurça do império turco, liquidação final da ultima onda de invasões asiáticas sobre a Europa, iniciadas em períodos históricos com as empresas das pessoas contra a velha Grécia. Esse problema implica o do equilíbrio das forças internacionais em toda a Europa, e por isso importa a toda ella, importando mais directamente à Rússia e à Áustria, que entre si disputam a hegemonia dos povos balkânicos, e a Inglaterra que impõe sobre o mundo muçulmano da Índia, e agora do Egito. Cada vez parece mais certo que a primeira grande guerra europeia, produzirá dois episódios que o quida definitiva do império turco há de ainda determinar.

No Oriente, entre as nações mais ou menos democráticas, quer sejam repúblicas como a França, quer

monarquias quasi republicanas

